

MATTIAS  
EDVARDSSON

Autor do  
**BESTSELLER**  
Uma Família  
Quase Normal

# BONS VIZINHOS

Um bairro tranquilo.  
Uma família feliz.  
Até um dia.

**SUMA**  
de Letras

Este livro é um romance. Qualquer semelhança com vizinhos  
ou bairros reais é mera coincidência.

*Boas vedações fazem bons vizinhos.*

ROBERT FROST

# 1

## MIKAEL DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

Mal abro a porta, ouço as sirenes. Um pequeno grupo de alunos que se encontrava no recreio da escola olha para mim e acena. — Bom fim de semana.

Coloco o saco de ginástica no porta-bagagens da bicicleta e a mala do portátil no cesto do guiador. Quando viro para entrar na passagem subterrânea por baixo da rua principal, tiro os pés dos pedais e aproveito o vento na cara. Sentadas no passeio, estão duas meninas que reconheço do jardim de infância da Bella. Põem as mãos em concha à volta da boca e imitam o som de uma coruja. O som ecoa pelo túnel e as meninas riem-se.

Na subida, sinto os músculos das coxas encherem-se de ácido láctico, mas não paro de pedalar, apesar de estar encharcado de suor. No relvado do jardim público encontra-se uma bola de couro meio podre, abandonada, e no parque infantil os baloiços balançam para trás e para a frente, empurrados pelo vento. Cumprimento uma mulher cujo caniche acaba de alçar a pata contra um poste de iluminação.

O som das sirenes aproxima-se cada vez mais. Olho por cima do ombro, mas não vejo as luzes azuis a piscar. Aqui não há ruas abertas ao trânsito, o espaço verde está rodeado de caminhos pedonais e ciclovias. Uma das razões pelas quais nos mudámos para Köpinge. Aqui, os nossos filhos podem ir de bicicleta para a escola e para casa dos amigos sem terem de pedalar no meio dos carros.

Abro bem a boca e inalo o ar fresco do outono. Que sensação de liberdade: espera-nos um fim de semana inteiro sem obrigações. Estava ansioso por poder largar tudo e simplesmente existir. Estar com a minha família. Talvez consiga arranjar algumas horas para aparar a sebe, como prometi, mas também posso esperar pela primavera para o fazer.

Quando apanho a ciclovía que leva ao pequeno aglomerado de casas com pátio onde vivemos, avisto os nossos vizinhos Åke e Gun-Britt a caminhar na minha direção. Em passo rápido, de braço dado. Já se passaram alguns dias desde a última vez que os vi. É assim que as coisas são por cá. Desde o início do outono até ao fim da primavera toda a gente se fecha em casa e desaparece. Só no final de abril acontece alguma coisa. Quando o gelo derrete e o ar se enche de pólen, os pátios são invadidos por crianças a andar de trotineta ou a jogar à bola, cheias de protetor solar e munidas de bonés com pala. O primeiro cortador de relva motorizado começa a tossir, alguém puxa de um escadote para limpar os algerozes, e então tudo começa. Nos jardins, uma após outra, aparecem mãos com óculos de sol da moda absortas nos telemóveis e pais de barriga flácida vestindo calções demasiado pequenos. Durante três meses, o espaço transforma-se num parque de diversões de verão, com trampolins e piscinas insufláveis. O volume de som aumenta, e os dias tornam-se mais longos. Até ao final de agosto, quando as aulas recomeçam. Vento e folhas de outono. Escuridão, chuva e silêncio. Esquece-se tudo o que floresceu e viveu, e é difícil acreditar que a luz voltará, mais cedo ou mais tarde.

Até os vizinhos já reformados fecham as portas à medida que a escuridão se vai instalando. O Åke faz as limpezas de outono do jardim, lava os azulejos com um jato de água, tira todas as teias de aranha dos cantos e cobre os móveis com película de plástico, com um cuidado que faria inveja a um restaurador. E, pouco depois, a Gun-Britt é apenas um rosto curioso à janela da cozinha.

A guardiã do pátio. Nada lhe escapa, nem um saco de plástico levado pelo vento.

— Ah, olá — diz a Gun-Britt quando já estou perto deles.

Hesito um pouco, indeciso entre parar para trocar algumas palavras e continuar a pedalar. Acima de tudo, quero ir para casa ter com a minha família. Contudo, quando estou prestes a passar por eles, o Åke entra na ciclovia, obrigando-me a travar.

— Ouviste o estrondo? — pergunta ele.

— Achamos que foi um acidente — diz a Gun-Britt.

Ponho os pés no chão.

— Um acidente? — inquirio.

— Não estás a ouvir as sirenes? — pergunta o Åke.

A Gun-Britt aponta para o ar com o dedo, como se o som estivesse a rodopiar por cima das nossas cabeças.

— Foi aqui perto? — pergunto.

— É difícil de dizer.

O Åke acena com a cabeça na direção da nossa casa.

— Vinha dali.

— Provavelmente da rua principal — acrescenta a Gun-Britt.

É esse o nome que todos dão à estrada municipal com limite de velocidade de 60 que circunda Köpinge como um anel, passando pelo supermercado Ica e pela loja de bebidas Systembolaget e continuando em direção à E6, onde a vastidão da Escânia se abre com o Turning Torso a oeste e os campanários da Catedral de Lund a leste.

— Estão a aproximar-se — diz o Åke.

Pomo-nos os três à escuta. Ele tem razão, as sirenes ouvem-se cada vez melhor.

— Não é surpresa nenhuma. As pessoas conduzem como loucos — diz a Gun-Britt. — Mas tem calma. A Bianca e os miúdos voltaram há meia hora.

A Bianca. Os miúdos.

Sinto o coração a bater com mais força.

— Está bem — digo, ansioso por voltar a subir para o selim.

— Bom fim de semana — diz a Gun-Britt.

Recomeço a pedalar.

Ao longo da última subida, os meus pensamentos ensandecem. Depois de ir buscar os miúdos, a Bianca tinha de ir às compras para o fim de semana, mas já estão em casa. Em casa, em segurança. O William deve estar no sofá com o *iPad*, a Bella na cozinha, a ajudar a Bianca.

Entre as casas, ouvem-se as sirenes cada vez mais alto.

Tenho as coxas pesadas e as pernas com câibras. Faltam vinte metros até ao nosso pátio. Um cão ladra atrás de uma vedação e, no mesmo instante, apercebo-me de que as sirenes foram desligadas.

Dobro a esquina para entrar no acesso a casa e sou atingido por luzes azuis. O asfalto, as sebes e as pequenas vedações, tudo está banhado por um azul intermitente.

Não respiro. Pedalo. Ponho-me de pé na bicicleta e olho diretamente para as luzes azuis ofuscantes.

No chão encontra-se uma bicicleta vermelha. Destruída, as rodas deformadas, o guiador a apontar para cima. Ao lado dela está a nossa vizinha do número 15, a Jacqueline Selander. Está pálida. Um grito ficou-lhe congelado nos lábios.

A ambulância parou em frente à nossa sebe de tuia, onde vejo dois profissionais de saúde vestidos de verde, de joelhos. Deitada à frente deles, no alcatrão, está a Bianca. A minha querida mulher.

## 2

### MIKAEL ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Quando conheci o Fabian e a Jacqueline Selander, tínhamos acabado de nos mudar para cá. A Bella fizera três anos nesse fim de semana, e eu estava a equipar o carro com uma nova cadeira de criança que encontrara em saldos na blocket.se. O sol queimava-me a nuca, e eu parecia um *croissant* com queijo transpirado, enfiado dentro do carro, a puxar o cinto de segurança, que era vários centímetros mais largo do que a mísera abertura por onde deveria passar, de acordo com o manual de instruções. Sibilava imprecações pelo nariz e pelos cantos da boca. Não tinha reparado que alguém se aproximara sorrateiramente por trás de mim.

— É o novo *R-design*, não é?

O cinto escorregou-me dos dedos, e o raio da cadeira tomou para o lado. Depois de sair do banco de trás e de limpar a maior parte do suor da testa, vi um rapaz de jardineiras-calção e um boné com o logótipo da *BMW*. Estava parado no acesso à nossa garagem, a estudar o carro.

— É o modelo desportivo — respondi.

— Eu sabia — disse o rapaz. — *R-design*.

Que idade poderia ele ter? Doze, treze?

— Motor a gasóleo — disse ele. — Híbrido *plug-in*, certo?

— Acho que tens razão.

O rapaz sorriu.

— Tenho razão, sim.

Na verdade, eu não tinha tempo para aquilo, mas não queria parecer mal-educado.

— Chamo-me Fabian — anunciou o rapaz. — Também moro neste pátio.

A área residencial nos arredores de Köpinge estava dividida em pequenos grupos de quatro casas com pátio da primeira metade dos anos 1970, mais ou menos iguais umas às outras, cada uma delas com o seu próprio jardim, posicionadas à volta de um quadrado de asfalto. Cada pátio tinha um nome engraçado retirado dos livros de Astrid Lindgren: Bullerby, Lönneberga, Ilha das Gaivotas e Vale das Cerejeiras. Vivíamos na rua *Combinaguai*. Como *Lotta Combinaguai*, dissera eu aos nossos filhos, que olharam para mim sem perceber.

— Então vamos ser vizinhos — disse eu ao rapaz chamado Fabian.

— Está bem — respondeu ele, acariciando o para-choques do *Volvo*, como se o carro fosse um animal. — Devias ter comprado um *BMW* em vez deste. Tem uma melhor relação qualidade/preço.

Desatei a rir, mas ele parecia muito sério.

— *BMW 530 Touring* — disse ele. — Tem 272 cavalos de potência. Quantos tem este?

— Não sei.

Para mim, um carro é um meio de transporte. Para além de uma carroçaria numa cor bastante neutra e de uma bagageira suficientemente espaçosa, não exijo mais nada.

— Duzentos e quinze — disse o rapaz.

Parecia saber do que falava.

Estava prestes a enfiar-me de novo no carro com a cadeirinha quando uma mulher atravessou a pequena praça central.

— Ah, estás aí, Fabian!

Exalava uma aura peculiar. Pernas compridas, calções muito curtos, tão bronzada que o branco publicitário dos seus dentes resplandecia, e com uns olhos da cor do céu.

— Ele gosta de carros — disse ela.

— Já tinha percebido.

— Gosto de *BMW* — corrigiu-a o Fabian.

A mulher, aparentemente mãe do rapaz, riu-se e estendeu a mão com unhas compridas pintadas de cor-de-rosa.

— Então vocês são os recém-chegados? Os «zero-oitinos», não é?

*Zero-oitinos?* Será que as pessoas ainda continuavam a dar esse nome aos habitantes de Estocolmo? Eu não conhecia ninguém que ainda tivesse telefone fixo, e os prefixos telefônicos estavam prestes a tornar-se tão obsoletos como os discos rotativos de marcação e os aparelhos de baquelite.

— Hum... bem... sim — disse eu, esfregando a palma da mão nos calções antes de me apresentar. — Micke.

— Sou a Jacqueline. Eu e o Fabian vivemos ali, no número 15.

Apontou para uma casa. A relva brotava entre os ladrilhos do caminho de acesso à casa, e a vedação, com cerca de um metro de altura, parecia precisar de uma boa pintura. Na parede ao lado da porta da frente havia uma ferradura, um espanta-espíritos de madeira, um 1 prateado e um 5 meio torto.

Os números de metal da nossa casa já tinham sido retirados da fachada. A pedido da Bianca. Concordara em mudar-se para o 13 apenas com a condição de eliminarmos imediatamente aquele lembrete de má sorte da parede.

— Espero que se sintam bem aqui — disse a nossa nova vizinha, a Jacqueline. — Também têm filhos, não é?

Acenei com a cabeça. O suor escorria-me da testa, e a *t-shirt* agarrava-se-me às axilas.

— A Bella acabou de fazer três anos, e o William tem seis.

O Fabian e a mãe trocaram um olhar.

— Temos de ir — disse a Jacqueline, acenando rapidamente. — Até logo!

Atravessou a estrada de asfalto estugando o passo, e, na pressa de a seguir, o Fabian tropeçou. No caminho de acesso ao número 15, virou-se para me lançar uma olhadela. Respondi-lhe com um sorriso.

Assim que consegui instalar a cadeirinha no carro, voltei a entrar em casa e falei à Bianca dos vizinhos.

— Jacqueline Selander? É uma ex-modelo. Viveu nos Estados Unidos.

— Como é que sabes? — perguntei.

A Bianca inclinou a cabeça para o lado. A sua expressão levou-me de volta a uma daquelas noites de verão, oito anos antes, em que me apaixonara perdidamente pelas suas sardas e covinhas.

— Chama-se Internet, amor.

— Já andaste a investigar os vizinhos?

A Bianca desatou a rir.

— Claro, o que é que achavas? Não te mudas para um sítio a 600 quilómetros de distância sem te informares acerca dos teus futuros vizinhos.

Não dava tréguas. Beijei-lhe a nuca.

— Então, Lisbeth Salander, e que mais sabes?

— Não muito. No 12, vive um casal: o Åke e a Gun-Britt. Têm um aspeto bastante normal, diria que são os típicos septuagenários. A Gun-Britt tem uma flor como fotografia de perfil no Facebook e gosta de danças de salão. O Åke, aparentemente, não tem perfis nas redes sociais.

— OK.

Eu, que sempre vivera em apartamentos, tinha dificuldade em compreender esta necessidade de saber tudo acerca dos vizinhos, mas, segundo a Bianca, nos subúrbios a história era diferente. Ali não podíamos evitar os vizinhos, como fazíamos na cidade.

— Encontrei algumas fotografias da Jacqueline Selander, mas ela era mais famosa no estrangeiro do que na Suécia. Em todo o caso, acho que vive sozinha com o filho no 15.

— E no 14? Quem vive?

— Vive lá o Ola Nilsson, da minha idade. Parece que é bastante reservado. No entanto... — Fez uma breve pausa, antes de pestanejar como se quisesse dizer que tinha descoberto algo sensacional. — Está na Lexbase!

— Hem? Na base de dados de criminosos? É um delinquente?

Porque só se ia parar à Lexbase se se fosse um criminoso, certo?

— Esperemos que não — disse a Bianca. — Mas tem uma condenação por agressão.

— Leste a sentença?

— Claro. Temos de viver muito perto desta gente. Tu és filho do betão, amor, não compreendes como as coisas funcionam em sítios como este.

— Talvez fosse melhor ter escolhido uma casinha na Lapónia — comentei.

— Bem gostava. Se não fizesse tanto frio.

Suspirei. Era mesmo típico da Bianca ter paranoias desnecessárias, obcecada como era com a segurança. E não era de admirar que se preocupasse ainda mais agora, uma vez que estávamos prestes a ser catapultados para um contexto totalmente novo onde não conhecíamos vivalma.

Em muitos aspetos, tínhamos sido obrigados a mudar-nos, e era meu dever manter o moral elevado. Devia-o à Bianca. E às crianças.

A Escânia seria um recomeço, e nada o poderia estragar, muito menos os vizinhos.

— Vai correr tudo bem — disse a Bianca, pousando a mão na minha. — Não quero assustar-te, mas rua Combinaguai, número 13... O que poderia correr mal?

### 3

## MIKAEL DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

A ambulância faz inversão de marcha na praça e, mal entra na rua principal, volta a ligar as sirenes a todo o gás.

Fico ali, no silêncio imenso, no meio de um buraco gigantesco onde o espaço e o tempo desaparecem. O som estridente das sirenes rouba toda a luz, e o céu torna-se inexplicavelmente escuro. Tudo pára. A única coisa que vejo são os olhares dos vizinhos, esculpido pelo horror. Depois, o pânico instala-se.

— Mãe! Mãe!

A Bella e o William chegam ao portão a correr, descalços. Baixo-me e pego neles ao colo.

— O que é que aconteceu? — pergunta o William. — Onde está a mamã?

Está tudo virado do avesso. Não sei a que me agarrar.

— A mamã foi atropelada — digo.

— O quê?

A Bella chora, desesperada.

— Estão a levá-la para o hospital — digo, abraçando os meus filhos com força.

Sinto o peito a explodir e tento recuperar o fôlego.

À nossa frente, na rua, encontram-se a Jacqueline e o Fabian, petrificados e em absoluto choque. Atrás deles, o Ola também vem a correr.

— Mãe... — soluça a Bella. — Ela não pode morrer.

— Ela não vai morrer, pois não, pai? — pergunta o William.

A consternação deles é como uma punhalada. Nada disto pode ser verdade.

— Porque é que ela foi de bicicleta?

— Tinha de ir ao supermercado — diz o William. — Disse que estaria de volta em dez minutos, no máximo. Eu prometi tomar conta da Bella.

— Pensei que já tivessem ido às compras.

— Sim, mas a mãe esqueceu-se do feta.

Quando me levanto, o mundo balança. Seguro as crianças pela mão e cambaleio, às cegas.

— Vamos seguir a ambulância de carro. — No meu bolso está a chave do *Volvo*.

— Não devias levar as crianças — diz a Jacqueline.

O que ela devia era calar a boca. Acabou de atropelar a Bianca. Nem consigo olhar para ela.

— Deixa-as aqui — diz o Ola.

Já está a pegar na mão da Bella quando me precipito para a frente e lhe arranco os meus filhos.

— Nem morto.

O rosto da Bella está lavado em lágrimas.

— Nós também queremos ir — diz o William.

Hesito. Já fui às Urgências de Lund. É um sítio onde se deve ir o menos possível, especialmente com crianças.

— Adoro-vos — sussurro contra as suas faces. — Mas acho que é melhor esperarem em casa.

Estou dividido entre o desejo de estar perto deles para os consolar e a consciência de que é melhor para eles não irem.

— Vou telefonar à Gun-Britt — digo. — Ela e o Åke podem ficar convosco enquanto eu estiver fora. Não demoro.

— Está bem — diz o William, pegando na mão da irmã.

— A mamá vai voltar mais tarde? — pergunta a Bella, num tom preocupado.

Abraço-os e tento acalmá-los.

Enquanto me sento ao volante, a Jacqueline aproxima-se. Cada movimento demora tempo. Pestaneja, engole em seco, leva a mão à boca.

— Eu... eu... foi tudo tão rápido. Ela apareceu do nada.

Fecho a porta do carro e ligo o motor. Não tenho nada para lhe dizer.

Faço marcha-atrás, obrigando o Ola a desviar-se num salto. Inverto a marcha na praceta central e pelo espelho retrovisor vejo os meus queridos filhos com um ar completamente perdido. Quando o *Volvo* vira para a rua principal, atrás da sebe de tuia, estão a acenar-me.

Carrego no acelerador.

Os meus braços e pernas tremem. O asfalto à frente do carro é a única coisa que vejo, tudo o resto está desfocado e estranho. Mas aquela imagem aterradora não me sai da cabeça. A Bianca de olhos fechados, o tom azulado dos lábios, as feridas, as protuberâncias.

Inclinado sobre o volante, precipito-me com o *Volvo* para a autoestrada. Buzino desesperadamente a um *Fiat* que ocupa a faixa de ultrapassagem avançando a velocidade reduzida e depois passo-o pela direita.

Tiro o telemóvel e ligo à Gun-Britt. Não sei como, mas consigo explicar-lhe o que aconteceu. O silêncio instala-se.

— Estou? Estás aí?

— Espera — diz a Gun-Britt.

Chama o Åke. Deve ter posto a mão sobre o microfone, porque ouço tudo abafado. Diz qualquer coisa como «eu sabia».

Mas que raio é que ela sabia?

— De certeza que a Jacqueline estava bêbeda — diz ela ao meu ouvido.

— Achas?

— Devia ir demasiado depressa.

Todos os residentes do nosso bloco de moradias entram na praceta bem lentamente. Todos exceto a Jacqueline.

— Meu Deus — diz a Gun-Britt. — Bianca!

Peço-lhe que volte depressa para casa para olhar pelos meus filhos e digo-lhe que tem de os manter afastados da Jacqueline e do Ola. Prometo entrar em contacto com ela assim que souber de alguma coisa.

— Vou rezar pela Bianca — diz a Gun-Britt.

Entro em Lund pela rotunda junto ao Centro Comercial Nova e continuo pela circunvalação norte. À minha volta, as pessoas param, perguntando-se o que se estará a passar. Um momento de tensão, um interlúdio dramático na sua rotina diária. Cinco segundos depois, continuam como de costume, enquanto a minha vida foi interrompida.

Como é que a Jacqueline não viu a Bianca? Deveria ser impossível atropelar alguém naquela praceta, mesmo para a Jacqueline.

Um segundo depois, eu próprio vou demasiado depressa, perco o controlo do carro e embato no lancil. O sensor de estacionamento apita, e amaldiçoo-o.

À minha frente, o letreiro das URGÊNCIAS.

Desvio-me no último segundo e entro acidentalmente em contramão. Um tipo com um gorro de lã e patilhas tem de saltar para cima de um separador de faixas para me evitar.

Começa a gesticular, todo agitado, mas eu não tenho tempo para aquilo agora. Estaciono o *Volvo* e tiro o cinto de segurança.

Um acidente.

Deve ter sido um acidente.

## 4

# MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Eu e a Bianca partilhávamos o sonho de ter uma casa. Quando a Bella nasceu, o apartamento de Kungsholmen tornou-se rapidamente demasiado pequeno. A cidade perdera o seu encanto. O que antes nos tentava (o burburinho das pessoas, a noite e o ritmo) agora dava-nos cabo do juízo e enervava-nos. A Bianca gostava que os nossos filhos crescessem num bairro residencial tranquilo, com casas de campo, numa pequena cidade fora da capital, como aquela.

Tínhamos ponderado os subúrbios na zona urbana de Estocolmo. Nacka, Bromma, Sundbyberg. Mas em todos os sítios precisávamos de um capital inicial de milhões de coroas e não queríamos investir setenta por cento dos nossos futuros salários em habitação.

Por isso, começámos a falar da Escânia. Nenhum de nós tinha qualquer ligação com a região, mas a vasta paisagem rural inspirou-nos, bem como a proximidade face ao resto do mundo. Eu estava convencido de que no sul da Suécia tudo se passava a um ritmo mais lento. Ali, a realização pessoal e a carreira não eram assim tão importantes, aproveitava-se o tempo para gozar a vida.

— A Escânia? — disse Bianca. — Sempre gostei da Escânia.

O facto de a escolha ter recaído sobre a pequena Köpinge deveu-se a fatores económicos e profissionais. Os preços das casas ainda eram acessíveis, pelo menos nos antigos bairros dos

anos 1970, e na altura em que fiquei desempregado surgiu um lugar como professor de Educação Física na Escola Secundária de Köpinge.

Não havia nada que nos prendesse a Estocolmo. Não havia pais ainda vivos, não havia empregos. Os meus amigos mais antigos continuavam a viver em Gotemburgo e a Bianca não tinha qualquer relação com a irmã há muito tempo. Enquanto pais com filhos pequenos, a necessidade de mudança era palpável: estávamos a entrar numa nova fase. Porque não fazê-lo num sítio novo?

Era uma espécie de aventura. Queimar o que é velho, dar lugar a algo novo.

Depois fomos ver uma casa naquele recanto da Escânia, a oeste de Lund, cuja existência eu ignorara durante quarenta anos. A casa tinha todas as características que procurávamos e muito mais. A Bianca dizia sempre que o importante era a disposição das divisões, não os metros quadrados. Depois de dez anos como agente imobiliária, era óbvio que sabia o que estava a fazer.

— Talvez seja necessário substituir as vigas estragadas — dissera o agente imobiliário que nos estava a vender a casa. — Mas não acham que tem todos os ingredientes para ser a vossa casa de sonho?

A Bianca concordara.

— E os vizinhos? — perguntara.

— Tranquilo — respondera o agente, rindo-se, talvez pensando que ela estava a brincar. — As pessoas de Köpinge são simples e descontraídas.

No carro, a Bianca aflorara a minha coxa.

— Fazemos uma oferta?

Ela *adorava* aquela casa. Claro, a cozinha tinha de ser mudada, as paredes precisavam de uma pintura e o chão de soalho em espinha tinha de ser lixado. O septuagenário que lá vivera antes tivera um *dachsbund* de pelo duro que estragara o chão.

Agora, o cão estava enterrado debaixo de uma cruz de madeira pouco visível, no canto afastado do jardim. O dono morrerá alguns meses depois do cão, de uma queda de uma escada, mas o agente garantira-nos que não estava sepultado no jardim.

No primeiro fim de semana depois do solstício de verão, as caixas da mudança foram empilhadas ao longo das paredes da sala de estar. As crianças dormiam nos seus novos quartos, em cujas janelas eu prendera lençóis com fita-cola, enquanto aguardávamos pela instalação de *blackouts*.

— Vamos ficar bem aqui — disse a Bianca, abraçando-me no deque de madeira do lado de fora da porta de vidro.

— Que silêncio — comentei eu. — Escuta.

Sem ruído de carros ou de vozes, apenas o restolhar cauteloso do vento entre as folhas.

Quando nos deitámos nessa noite, fizemos amor como não fazíamos há uma eternidade, como antes da chegada das crianças. Uma nova era estava prestes a começar. Nova casa, novo sítio, novos ares.

Quando atingiu o orgasmo, a Bianca gritou a plenos pulmões. Os seus olhos verde-esmeralda desapareceram por trás das pálpebras.

— Ainda acordas os miúdos — sussurrei-lhe ao pescoço, completamente transpirado.

— Não quero saber — disse ela, arquejante.

— E os vizinhos? — perguntei, rindo-me.

No dia seguinte, enquanto brincávamos à apanhada no jardim, a Bella tropeçou e caiu. Soprei-lhe para o joelho e limpei a sujidade verde de relva com o polegar.

— Quero um penso — pediu a Bella, chorando.

Entreí em casa para remexer nas caixas, enquanto a Bianca continuava a brincar no relvado. Depois de ter vasculhado em

vão metade dos nossos pertences, regressei ao jardim um pouco enervado.

Do outro lado do portão estavam os nossos novos vizinhos. A Jacqueline e o filho.

— Desculpem o incómodo. Só queríamos dar-vos as boas-vindas.

Nesse preciso momento, a Bella e o William apareceram a correr, com a Bianca a ser perseguida.

— Vais apanhar-me! — gritou a minha mulher. — O William vai apanhar-me!

Só quando pigarreei é que ela reparou nas visitas.

— Oh, meu Deus — disse ela com um sorriso, parando ao meu lado para que o William a pudesse apanhar.

— São a Jacqueline e o Fabian — disse eu. — Moram no número 15.

A Bianca apresentou-se, e a Jacqueline entregou-lhe um saco com bolos de canela.

— Do supermercado. Infelizmente, sou péssima a cozinhar.

— Não devia ter-se incomodado — disse a Bianca.

A Jacqueline sorriu.

— Por que razão é que dizem «apanhar-me»? — perguntou o Fabian.

Trazia os mesmos calções da última vez, a mesma *t-shirt* desbotada e o mesmo boné da *BMW*. O contraste com o pequeno vestido de verão da Jacqueline, de um tecido rosa-velho quase transparente, era forte.

— Porque se diz assim — respondeu o William. — É um jogo chamado «apanhada».

O Fabian olhou para o William como se ele fosse burro.

— Diz-se «pegar», e o jogo chama-se «pega-pega».

— Acho que tem muitos nomes diferentes — explicou a Jacqueline.

Confirmei.

— Quando eu era miúdo, costumávamos dizer «pique».

O Fabian dirigiu-me o mesmo olhar que acabara de lançar ao William.

— Não vos queremos incomodar mais — disse a Jacqueline.

Assegurei-lhe que não estavam a incomodar nada.

— Vão fazer remodelações? — perguntou ela, deixando o olhar percorrer o jardim.

— Acho que sim — respondi. — Mas só para o ano.

— Claro. Devem ter muito em que pensar, já que acabaram de chegar.

— É a nossa primeira moradia — explicou a Bianca. — Vivíamos num apartamento, por isso o jardim é uma grande novidade. Mas é óbvio que cada um tem o seu próprio estilo e gosto.

O Fabian apontou, esticando o braço todo.

— Não se pode cortar a macieira — disse.

Eu e a Bianca virámo-nos para a árvore de fruto nodosa no canto que dava para a rua.

— Era a árvore preferida do Bengt — disse o Fabian. — Plantou-a quando construiu a casa, em 1976. Tem a idade da minha mãe.

As faces da Jacqueline enrubesceram. Eu desviei o olhar. Ela era tão bonita que só olhar para ela na presença da Bianca me fazia sentir desconfortável. Era como se o seu corpo não tivesse um ponto neutro onde se pudesse pousar os olhos.

— O Fabian era muito próximo do Bengt, o antigo dono — explicou a Jacqueline. — Era como um avô para ele.

— Estou a ver — disse a Bianca.

O Fabian lançou-nos um olhar desconfiado.

— Porque é que se mudaram para aqui? — perguntou.

— Fabian! — exclamou a mãe, e depois pediu desculpa. — Às vezes ele é demasiado curioso.

— Não faz mal ser curioso — disse eu. — É assim que se aprendem coisas novas.

— Exatamente — corroborou a Bianca, dando-me uma co-tovelada ligeira.

Eu gozava frequentemente com ela por causa das suas bisbilhotices indiscretas.

— Então, porque se mudaram para cá? — repetiu o Fabian com impaciência.

— Vou começar a trabalhar na Secundária de Köpinge.

A Jacqueline animou-se.

— És professor?

— De Educação Física.

— Ah.

A Bella voltou a pedir um penso com grande insistência, e afinal a Bianca sabia exatamente onde eles estavam, no meio do caos das caixas.

— Fazes muito exercício? — perguntou a Jacqueline.

Mirou-me da cabeça aos pés até eu corar, desviando depois o olhar.

— Não tanto quanto gostaria. É difícil arranjar tempo.

— A sério? — perguntou a Jacqueline.

— Então, talvez venhas a ser meu professor — disse o Fabian.

— Espero que sim.

— Quem sabe?

— O Fabian vai começar a frequentar a Escola Secundária de Köpinge no outono. Vai para o 7.º ano. Imaginem o meu filho, já no 7.º ano. — Os seus olhos brilharam.

Havia algo na forma como ela e o Fabian se olhavam, algo que eu não conseguia descodificar.

— Agora temos mesmo de ir — disse a Jacqueline, abrindo o portão que dava para a praça comum.

— Tenham um bom dia — desejei-lhes.

— E obrigada pelos bolos — agradeceu a Bianca, que encontrara finalmente a caixa com os pensos do urso Bamse.

— De nada. Até logo!

A Jacqueline acenou do outro lado da vedação.

— Parecem simpáticos — disse a Bianca.

Dei-lhe um beijo na face.

— Claro. Mas espero não ficar com a turma do Fabian. Ser professor de um vizinho não é propriamente um sonho.

A Bianca riu-se.

— Eu avisei-te. É assim que as coisas se passam nestes sítios. Nunca mais serás invisível.

— Não pintes o diabo mais feio do que ele é — respondi.

— Nunca se sabe. Em contrapartida, temos de pintar as paredes. De branco. Três quartos e uma cozinha.

A tinta já estava pronta.

— Podemos continuar a brincar à apanhada? — perguntou o William, vindo a correr das traseiras da casa.

— Eu e o pai agora temos de pintar — disse a Bianca. — Brinquem um bocadinho sozinhos.

Eu estava prestes a pegar nos dois baldes de tinta quando o portão atrás de mim se abriu novamente.

— Olá, olá.

Uma mulher na casa dos setenta anos entrou no jardim e olhou em volta com curiosidade.

— Só queria dar-vos as boas-vindas à rua Combinaguai — disse. — Chamo-me Gun-Britt e vivo na casa em frente. — Apertou a mão da Bianca e baixou o tom de voz. — Achei melhor conhecerem mais alguém daqui. Não somos todos como eles. — Acenou impercetivelmente com a cabeça na direção da casa da Jacqueline e do Fabian. — Mas é uma zona maravilhosa — acrescentou. — Um sentido de comunidade extraordinário. Todos damos uma mãozinha e cuidamos uns dos outros. Tenho a certeza de que irão ficar bem aqui.

Olhei para a Bianca, que estava a fazer um esforço para fazer boa cara. Ela não gostava daquelas coisas. O problema dos vizinhos, costumava dizer, é que são uma roleta-russa: nunca se sabe

o que nos vai calhar. Antes da mudança, tinha-me dito que gostava de não estar à vista de todos, de ficar um pouco isolada. Dois dos maiores trunfos da casa eram a sebe alta de tuia e o portão.

— Ficámos com uma boa impressão — disse eu, sorrindo mais do que devia.

— Bem, agora vou-me embora — retorquiu a Gun-Britt.  
— Devem ter muito que fazer.

No entanto, não deu qualquer sinal de querer ir-se embora. Até que peguei nos baldes de tinta e lhe virei as costas.

— Muito bem, ficamos então assim — disse ela por fim, afastando-se lentamente. — Por enquanto.

Mal tinha fechado o portão, e a Bianca já lá estava, a verificar o trinco.

— Achas que podemos pôr um cadeado?

DEPOIS DO *BESTSELLER UMA FAMÍLIA QUASE NORMAL*,  
MATTIAS EDVARDSSON REGRESSA PARA DISSECAR A SOCIEDADE SUECA  
E OS FRACASSOS DE UMA PEQUENA COMUNIDADE  
COM UM SENTIDO DE *SUSPENSE* INIGUALÁVEL

O pequeno e pacato bairro residencial no sul da Suécia para onde Micke, Bianca e os seus dois filhos se mudam parece perfeito para um recomeço de vida. Mas essa percepção altera-se e uma sensação de insegurança vai-se instalando à medida que começam a conviver com os seus novos vizinhos: Jacqueline, uma ex-modelo que se debate para estabilizar a sua vida; Fabian, o seu filho, um jovem de quinze anos com um comportamento inquietante; Ola, um funcionário de um banco com um passado violento; Åke e Gun-Britt, um casal de reformados que tenta controlar todos os passos dos seus vizinhos. Em pouco tempo, Micke e Bianca descobrem que o seu bairro não é tão idílico como esperavam.

Quando Bianca é atropelada à porta de casa, tudo aponta para que se tratou de um trágico acidente. Mas, à medida que ela luta pela vida numa cama de hospital, a tensão e o ressentimento começam a vir ao de cima, fazendo estalar o verniz reluzente daquele bairro imaculado, revelando o seu lado mais secreto, sombrio e violento, e mostrando que a linha que separa o certo do errado por vezes é demasiado ténue.

«Viciante» ★★★★★ «Intenso» ★★★★★ «Arrepiante»



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897845994



9 789897 845994 >